



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A LUTA PELA AFIRMAÇÃO DA DIFERENÇA OU PELA DISCRIMINAÇÃO POSITIVA

Francisco Carlos Cardoso da Silva*
(UESB)

RESUMO

Este trabalho discute as invenções negras na Bahia, enquanto devires minoritários, pensando o racismo e o anti-racismo na perspectiva da produção de subjetividade. A idéia de invenção já foi discutida por muitos autores, sendo que a maioria deles sempre partiu da criação do dominador; nosso diferencial é inverter o ponto de partida, sem desprezar o seu contrário, ou seja, considerando as ambigüidades inerentes aos devires. Tal análise concebe tanto as ações dos membros das entidades como os seus discursos enquanto processos de singularizações, considerando a identidade enquanto uma fabricação, uma viagem sem volta, sem raízes que tem suas pernas na cultura e na política ao mesmo tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade; Devires; Identidade.

INTRODUÇÃO

Esse artigo discute a identidade cultural numa perspectiva bastante interessante do ponto de vista teórico-político,³⁰ em função das dinâmicas, das

* Professor adjunto do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

³⁰Em um dos meus trabalhos anteriores, discuto o racismo, a identidade e a cultura a partir dos discursos e das práticas do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Ilê Aiyê em Salvador, procurando compreender como o falar e o fazer dessas entidades contribuíam para a construção e a desconstrução da identidade étnica e como ambas as entidades estabeleciam a relação entre cultura e política, (CARDOSO DA SILVA, 2001), e *As Invenções Negras em Salvador, (2008)* – que tem por objeto/sujeito os negros em Salvador, dos



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tensões envolvidas nesses processos, sobretudo no caso do meu estudo – *As Invenções Negras em Salvador* – que tem por objeto/sujeito os negros em Salvador, dos quais faço parte e cujas práticas de combate ao racismo concebo como matérias de expressão³¹.

É necessário, contudo, reconhecer que todo processo de construção identitária é complexo, sobretudo se analisar as formulações advindas de intelectuais oriundos do próprio movimento dos negros³², considerando os avanços desse movimento; a necessidade de pensar suas conquistas e as contribuições que trouxe para a construção de relações sociais mais críticas com relação à forma como o negro tem sido discriminado negativamente, produzindo subjetividade dissidente, permitindo a construção de auto-estima e propondo ações afirmativas no combate ao racismo no Brasil.

Nada disso, entretanto, justifica deixar de pensar os recuos e os limites desse tipo de mobilização, neste sentido nos propomos também refletir os limites da dissidência entre as práticas e os discursos dos atores da luta anti-racista dos negros; as capturas desse movimento, os esquadrinhamentos desse tipo de produção de subjetividade, sem ignorar a inquietação sempre presente, que nos impulsiona em busca das razões pelas quais esse movimento tem sofrido sistematicamente uma oposição de um setor da sociedade, composto basicamente de intelectuais que defendem que o Brasil é um país democrático do ponto de vista das relações raciais.

quais faço parte. Nesse último trabalho idéias tais como a de desconstrução e construção de identidade e a própria noção de movimento, rompendo com a idéia de essência, tanto na identidade como no movimento.

31 Segundo Suely Rolnik, ao contrário do caos, são energias geradas no atrito de matérias de expressão heterogêneas, forjando territórios para afetos desterritorializados. “O que nosso corpo vibrátil nos faz descobrir é que o pleno funcionamento do desejo é uma verdadeira fabricação incansável de mundo” (ROLNIK, 1989, p. 40).

32 Entendendo movimento negro como uma luta, um conjunto de práticas e discursos anti-racistas que produzem, para tanto, subjetividades múltiplas capazes de construir e desconstruir identidades e forjar processos de singularização, linhas de fugas e ou linhas de destruição.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Ora, se há muito já se discute que a história da população afro-brasileira não se constitui só em combate, no que concordo, é preciso entender também o fenômeno da institucionalização do movimento negro e de outros extremos. Para tanto, se faz mister pensar em outros termos analíticos, ouvindo criticamente não só os negros nesta discussão, até para mostrar onde se esconde o racista de cada um de nós, sem perder de vista uma pergunta presente em todo trabalho: existe uma particularidade do racismo no Brasil?

O movimento negro não se apresenta de forma homogênea, as duas entidades que respondem ao racismo na Bahia, o Ilê e o MNU, por exemplo, tem muitas particularidades em relação ao racismo dentro e fora do Brasil, assim como aponta aspectos semelhantes com outras formas de racismo, o que nos permite analisar as suas práticas e discursos com relação ao que estou apelidando de racismo à brasileira.³³

Entretanto, a pesquisa que fiz no doutorado mostra que, se por um lado as entidades acima citadas conseguem ser criativas na produção da resistência – reagindo ao racismo que as coloca no devir, cujas conexões com outros devires minoritários acontecem em alguma medida – por outro, falta dar um salto efetivo no sentido de operar a via de passagem para a construção de outra realidade, que vai para além de uma falsa democracia, buscando novos encontros, novas parcerias, fugindo das polaridades, do essencialismo, pois é preciso assumir bandeiras mais eficientes para dar uma nova direção da luta contra o racismo e para o qual se faz mister defender até uma nova miscigenação, um ideal de contra-pureza, ao invés de um humanismo radical, como reivindica o próprio Fanon, um anti-racismo radical.

33 De maneira que tanto o Ilê Ayiê como o MNU – através dos seus discursos e práticas na luta contra o racismo, contribuem, cada uma a seu modo, para a construção e desconstrução de identidades étnico-raciais em Salvador, produzindo subjetividades dissidentes, transculturais e transindividuais, que têm na cultura a sua matéria-prima (CARDOSO DA SILVA. 2006).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Uma vez que sou crítico, quanto à crítica que pretende recuperar a modernidade, prefiro arruiná-la; afinal, o que é o humanismo se não uma invenção da modernidade?

E para se contrapor ao racismo, que funcionou como base de sustentação dessa modernidade e dessa subjetividade capitalística, só uma outra invenção que invista na subversão da subjetividade dominante. Investir, por assim dizer, “..no próprio coração da subjetividade dominante produzindo um jogo que a revela, ao invés de denunciá-la”. (ROLNIK & GUATTARI, 1996, p. 32).

É preciso substituir determinados ideais de liberdade, pois ela está indissolúvelmente ligada à noção de consciência. É necessário retomar a simulação, produzindo, inventando subjetividades que desmorem a subjetividade capitalística (ROLNIK & GUATTARI, 1996).

Portanto, é preciso investir na ambigüidade e, por que não dizer, numa mestiçagem, ou melhor, numa negro-mestiçagem, numa outra democracia que aposte nas novas alianças, nos novos encontros, no devir negro que está por se construir, pois ambas as entidades estudadas aqui acabam ficando no meio da guerra, dando munição para os inimigos sem deixar de ser dissidente, mas limitado pela lógica bipolar.

Todavia, é preciso ter cuidado ao analisar o movimento negro no Brasil; é necessário entender suas singularidades e se elas estão compatíveis com a peculiaridade do racismo aqui existente, cujas manifestações, ainda que não sejam homogêneas, são de tamanha eficácia, sobretudo pela forma de ocultação, pois, se é verdade que não existe uma só forma de racismo no Brasil (são várias), também é verdade que existe uma sutileza em esconder, uma farsa que atravessa as diversas maneiras de manifestar esse fenômeno, que se revela e se esconde ao mesmo tempo, resultado de uma tecnologia para a qual os negros também contribuíram em alguma medida.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Contudo, não cabe ficar definindo quem é o culpado, trata-se de saber o como e que efeitos o racismo tem, não só confinando como exterminando pessoas, entre outros resultados.

O racismo no Brasil adquiriu uma força capaz de promover uma guerra e uma verdade sobre o outro tão insuportável que qualquer ação afirmativa que problematize a situação em si já é vitoriosa; contudo, é preciso ter cuidado com determinados tipos de emancipação, observá-los a fim de verificar se não escondem correntes que nos aprisionam; por isso, prefiro as cotas ao invés de qualquer tipo discriminação negativa, contanto que se coloque como um problema mais do que como solução.

Assim, há que conceber os movimentos negros não como vilões e sim como sujeitos que também são assujeitados, que enfrentam dificuldades que pode levá-los a trilhar caminhos muito próximos da linha de destruição, na medida em que trilham o caminho mais da unificação do que a multiplicidade, sem deixar por isso de produzir subjetividades dissidentes.

Enfim, o movimento negro – sob qualquer nome de entidade que se dê – não pode, contudo, se dá o luxo de não entender o racismo na sua complexidade e repensar bem em como combatê-lo, daí porque operar uma análise do movimento negro no Brasil que o conceba enquanto invenções que atuam produzindo através da cultura, processos de singularizações.

Assim, o conceito proposto de cultura é o de “um algo mais” e não o da forma dos românticos, para os quais o todo é sempre a soma das partes; é o modo de relacionamento com o real capaz de esvaziar paradigmas de estabilidade de sentido, de colocar em xeque a universalização das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano (SODRÉ, 1983).

Isso me permite pensar criticamente a identidade, pois, por mais que o discurso do movimento negro esteja atravessado de vontade de verdade, como



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

qualquer perspectiva etnotextual, são inegáveis as simbioses operadas pelos sujeitos que o compõem e o caráter dissidente dos discursos e práticas das entidades que atuam na luta contra o racismo.

Entretanto, uma vez que me coloco criticamente quanto à noção essencialista de identidade, me proponho a discutir o processo de produção dessa identidade, o que implica em uma produção de subjetividade, ao modo de Guattari.

Neste sentido, opero o conceito de a cultura como um arranjo produtor de identidade, o que impõe desafios, pois é necessário conceber a alteridade, independentemente dos essencialismos, como produção das trajetórias dos indivíduos, em que as circunstâncias impõem determinadas respostas, determinados agenciamentos. É preciso pensar as diferenças enquanto caminhos traçados pelos sujeitos a partir de suas configurações culturais, haja vista que a heterogeneidade não nega o entrelaçamento ou a complementaridade (CARDOSO DA SILVA, 2001), pois “a multiplicidade são a própria realidade, e não supõe nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (GUATTARI & DELEUZE, 1995, p. 8).

Ou seja, em oposição a essa máquina de produção de subjetividade *capitalística*, que produz até o que acontece quando sonhamos ou devaneamos, eles concebem a idéia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, o que chamam de processos de singularização; trata-se, portanto, de uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, isto é:

[...] recusá-lo para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com o desejo, com um gosto de viver, com a vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade. Há



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

assim algumas palavras-cilada (como a palavra cultura) noções-anteparo que nos impedem de pensar a realidade dos processos em questão (GUATTARI & RAONI, 1996, p. 16).

É curioso o fato de que as pessoas descubrem a sua cultura, justamente quando vêm sua produção sendo levada a exposições em museus ou sendo vendidas no mercado de arte, ou ainda inseridas nas teorias antropológicas científicas em circulação; pois eles não fazem nem cultura nem dança, nem música: todas essas dimensões são inteiramente articuladas umas às outras num processo de expressão e também articuladas com sua maneira de produzir bens, com sua maneira de produzir relações sociais.

O fato é que esses níveis continuam a funcionar e estão interligados, por serem complementares; e mais que isso:

A produção dos meios de comunicação de massa, a produção da subjetividade capitalística gera uma cultura com vocação universal. Esta é uma dimensão essencial na confecção da força coletiva de trabalho, e na confecção daquilo que eu chamo de força coletiva de controle social. Mas independente desses dois grandes objetivos, ela está totalmente disposta a tolerar territórios subjetivos, que escapam a essa cultura geral. É preciso, para isso, tolerar as margens, setores de cultura minoritária –subjetividades em que pensamos nos reconhecer, nos recuperar entre nós numa orientação alheia à do **Capitalismo Mundial Integrado** (GUATTARI & RAONI, 1996, p. 19. Grifo meu).³⁴

Ou seja, como eles mostram, tudo é muito bem calculado e não se trata apenas de tolerância, ela nos remete ao tema da subjetividade. “A cultura não é apenas uma transmissão de informação cultural, uma transmissão de sistemas de modelização, mas é também uma maneira das elites capitalísticas exporem o que eu chamo de um mercado geral do poder”. (GUATTARI & RAONI, 1996, p. 21)

³⁴É que utilizo esses termos operados por Guattari, no entanto, geralmente virá abreviado como CMI.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Não se deve com isso desistir do problema da cultura, mas pensar processos de produção de subjetividade, processos de singularização subjetiva, sem confinar as diferentes categorias sociais como minorias raciais, culturais e sexuais, etc., por exemplo. Guattari & Rolnik (1996, p. 22) elaboram as seguintes questões:

Como fazer com que a música, a dança a criação, todas as formas de sensibilidade, pertençam de pleno direito ao conjunto dos componentes sociais? Como proclamar o direito à singularidade no campo de todos esses níveis de produção, dita 'cultural', sem que essa singularidade seja confinada num novo tipo de etnia? Como fazer para que esses diferentes modos de produção cultural não se tornem unicamente especialidades, mas possam articular-se uns aos outros, articular-se ao conjunto do campo social, articular-se ao conjunto dos outros tipos de produção (que eu chamo de produção maquinicas: toda essa revolução informática, telemática, dos robôs, etc. Como abrir – e até quebrar – essas antigas esferas culturais fechadas sobre si mesmas? Como produzir novos agenciamentos de singularização que trabalhem por sua sensibilidade estética, pela mudança da vida num plano mais cotidiano e, ao mesmo tempo, pelas transformações sociais a nível dos grandes conjuntos econômicos e sociais?

Para esses autores, tudo que é produzido pela subjetivação capitalística, que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam, não é apenas uma questão de idéias, não é apenas uma transmissão de significações através de enunciados significantes, e não se reduz a modelos de identidade, ou de identidades maternos ou paternos, etc.; trata-se, na verdade, de sistemas de conexão direta entre grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo, em outras palavras, o que eu chamo de realidades imagético discursivas.

É difícil dizer que esses autores mostram ou buscam uma saída. Ainda que lancem mão do conceito de Linha de Fuga, a idéia não é exatamente como fugir, no sentido de esconder-se. Se há algum sentido em utilizar a expressão saída, atribui-se



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tão somente a vazar ou, se quiser, escapar, haja vista que, para eles, a saída é pela subversão, o que se torna possível mais especificamente em:

Uma prática política que persiga a subversão da subjetividade de modo a permitir um agenciamento da subjetividade dominante, deve investir no próprio coração da subjetividade dominante, produzindo um jogo que a revela, ao invés de denunciá-la. Isso quer dizer que, ao invés de pretendemos a liberdade (noção indissolúvelmente ligada à de consciência), temos de retomar o espaço da farsa, produzindo, inventando subjetividades capitalísticas, a façam desmoronar (ROLNIK & GUATTARI, 1996, p. 32).

Por isso, ao contrário de sujeito de enunciação ou das instâncias psíquicas de Freud, preferem falar em agenciamento coletivo da enunciação, que não corresponde nem a uma entidade individuada, nem a uma entidade social predeterminada.

Não existe nenhuma associação entre indivíduo e subjetividade. A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo; uma coisa é a individuação do corpo, outra coisa é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação. A subjetividade é fabricada e modelada no registro social. “A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares” (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 33).

O indivíduo está numa encruzilhada de múltiplos componentes da subjetividade; uns mais inconscientemente, outros mais no domínio do corpo, outros de grupos primários no sentido da antropologia americana, e outros ainda são do domínio da produção do poder (em relação às leis). A hipótese deles é de que existe uma subjetividade mais ampla, a qual chamam de Capitalística.

Há uma resistência em lidar com identidade, ao ponto de chegar a reconhecer um certo avanço na psicanálise. Nesse sentido,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A problemática das identidades, como, aliás, os psicanalistas perceberam no decorrer da história da psicanálise –, não diz respeito apenas a um decalque de identidades, nem processos de identificação. O que há de rico e frutífero na evolução da teoria do objeto na história da psicanálise é que, apesar de todas as reduções interpretativas com que foi tratada a relação de objeto, houve uma retomada – em particular nas teorias Kleinianas – da idéia de que haveria pontos de singularidades subjetiva aquém das estruturas do ego e das estruturas identificatórias (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 67).

A problemática da identidade, no entanto, é retomada com muita serenidade, reafirmando que o devir minoritário pressupõe invenções que trazem novas forças. Nele, as problemáticas do inconsciente se entrelaçam com as problemáticas políticas, uma vez que não se trata apenas de subjetividades identificáveis ou identificadas, mas de processos subjetivos que escapam à identidade.

É por isso que a idéia de devir está ligada à possibilidade ou não de um processo de singularizar e conseqüentemente às singularidades femininas, poéticas, homossexuais, negras, etc., que podem entrar em ruptura com a estratificação dominante. Assim o que interessa na questão das minorias: é uma problemática da multiplicidade e da pluralidade, e não uma questão de identidade cultural, de retorno ao idêntico, de retorno ao arcaico (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 74).

Assim sendo, eles opõem a idéia de reconhecimento de identidade à idéia de processos transversais, “de devires subjetivos que se instauram através dos indivíduos e dos grupos sociais. E eles podem fazê-lo, porque eles próprios são processos de subjetivação, eles configuram a própria existência dessas realidades subjetivas” (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 74).

Com efeito, é preciso respeitar determinadas críticas feitas a identidade, contudo, eu não estou convencido de abandonar a utilização do termo cultura, pelo contrário:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

[...] a cultura é uma produção. Tem sua matéria prima, seus recursos, 'seu trabalho produtivo. Depende de um conhecimento da tradição enquanto 'o mesmo em mutação' e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse 'desvio através de seus passados' faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de antologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 44).

As trajetórias culturais, em si, não negam a cultura enquanto criação ou produção de subjetividade, muito pelo contrário: elas são interessantes por permitirem perceber as invenções, inclusive, as invenções da tradição³⁵, na medida em que "são uma sucessão ou coexistência de múltiplos segmentos temporais e espaciais, ou experiências. Diferentes tempos, espaços e vidas se entrelaçam, se cruzam na textura dos diversos discursos, práticas e memórias que compõem essas trajetórias" (ALBUQUERQUE, 1993, p. 89).

De maneira que essa produção de subjetividade não exclui totalmente a identidade no processo territorialização e desterritorialização, no combate e no conflito inerente à luta, seja ela racista ou anti-racista.

Ao invés do conceito de cultura enquanto esferas autônomas – numa perspectiva de manter sistemas de sujeição ou submissão hierárquicos, que funcionam no sentido de manter uma dada ordem sem abordar a semiótica.

A cultura é, assim, concebida pelo avesso, como política de produção de subjetividades, seja ela dissidente ou dominante, como desterritorialização e

35 Conforme Hobsbawm consiste em um conjunto de práticas, de natureza ritual e simbólica, normalmente aceitas e reguladas por regras abertas ou tácitas, com o fito de inculcar certos valores e normas de comportamento, através de repetição, implicando automaticamente numa continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM & RANGER, 1977).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

reterritorialização; ela não é só índice de determinação, mas principalmente de indeterminação do universal.

Como se vê, a cultura aqui não é percebida como algo alheio ou separado do político, muito pelo contrário; ao invés de cultura como um componente residual na construção de identidade étnica, ela aqui é tomada como um elemento histórico-político fundamental, na medida em que corresponde a uma atividade de positivação de valores imputados ao negro.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras artes*. 2ª ed. São Paulo: Cortês, 2001.

_____. *Vidas por um fio, vidas entrelaçadas rasgando o pano da cultura e descobrindo o rendilhado das trajetórias culturais*. **História & Perspectivas**, nº 8, jan./jun. Uberlândia, 1993. P. 87-95.

CARDOSO DA SILVA, Francisco Carlos. A Subjetividade, Desconstrução e Construção de velhas e novas roupagens do racismo no Brasil. *Revista Espaço Acadêmico*, 2006. Disponível em <http://www.espaçoademico>.

_____. *(Des) construção de identidade Étnico-racial em Salvador: MNU e Ilê Aiyê no combate ao racismo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UFPB, Campina Grande, 2001.

_____. *As Invenções Negras na Bahia: Pontos para a discussão do racismo à brasileira*. Tese de Doutorado do Programa Pós- Estudos Graduados de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

GUATTARI, Felix & DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs; Capitalismo e esquizofrenia: tratado de nomadologia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, V.5. (Máquina de Guerra).

GUATTARI, Felix & ROLNIK, Suely. *Cartografia do desejo*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5ª Ed. Tradução: Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SODRÊ, Muniz. *A verdade seduzida*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1988.

PIERSON, Donald. *Pretos e brancos na Bahia*. São Paulo: Nacional, 1971.